



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

CONCEPÇÕES DE CRIANÇA EM UMA PARENTELA KAIOWÁ NA ALDEIA JAGUAPIRU.

Joziane de Azevedo Cruz¹

¹Discente do programa de Pós Graduação em Antropologia UFGD\ Bolsista FUNDECT. Email. jozidouradosms@gmail.com. Trabalho em andamento sobre a orientação do prof. Dr. Levi Marques Pereira.

RESUMO :

O presente trabalho tem como proposta apresentar algumas noções da concepção do que venha a ser criança para membros de uma parentela Kaiowá. A pesquisa se utiliza do método etnográfico em antropologia, como recurso que permitirá identificar os espaços de circulação dos meninos e meninas dessa etnia dentro de seus grupos parentais e outros círculos de convivência. A pesquisa esta sendo realizada com uma parentela na Aldeia jaguapiru, da Reserva Indígena de Dourados. O propósito é identificar as formas de socialidade e os estilos comportamentais das crianças kaiowá. A metodologia combinará técnicas como: observação participante, entrevista, coleta e análise de desenhos redações, além de registros fotográficos que serão realizados no local de moradia das crianças e em outros espaços por onde elas circulam.

Palavras chave: criança Kaiowá , concepção, infância

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo compreender como as crianças kaiowá de uma parentela da Aldeia Jaguapiru percebe sua infância, identificando assim, as conexões de práticas e estilos comportamentais propiciadas pelo convívio e formas de articulação da parentela.

A pesquisa está sendo realizada em uma parentela Kaiowá de perfil religioso, por eles identificada como tradicional. Oportunizada a partir do casal de rezadores que pude conhecer em 2012 por meio do curso de Licenciatura Intercultural *Teko Arandu*.

Neste sentido, a pesquisa em campo iniciou sistematicamente com as autorizações dos integrantes das famílias em 2014, especificamente nos meses de janeiro e abril até o presente momento do relatório de dissertação. Este trabalho é realizado com crianças, jovens e adultos, categorias identificadas e utilizadas pelos integrantes da pesquisa, tendo assim como pretensão construir uma etnografia com as crianças, utilizando a contribuição de diversos instrumentos para a coleta dos dados como: observação participante, entrevistas semi estruturadas, desenhos, brincadeiras dirigidas e fotografias, ferramentas que possibilitam ouvir, ver e participar de diversas situações com as crianças e demais integrantes da parentela da Dona Floriza e Seu Jorge.

Os dados apresentados são analisados com base em autores e autoras que atuam na área de etnologia, com trabalhos específicos sobre a etnia Guarani e Kaiowá como: Borges e Porto (2012); Nascimento (2013); Landa (2011); Nascimento, Urquiza e Vieira (2011); Souza (2011); Brand (2011); Noal (2006); Cariaga (2012); Pereira (1999; 2004; 2011). As produções específicas da linha da antropologia da criança realizadas em outros cenários etnográficos foram: Pires (2007; 2010); Escoura (2010); Calaf (2007); Begnami (2010); Nunes e Ângela (2003); Silva, Aracy, Macedo, Nunes, (orgs.) em 2002, Condonho (2009); Murabac sobrinho (2011); Alvarez (2004); Lecznieski (2005); Maher (2005); Tassinari (2007) e Conh (2005; 2013).

Estudos de grande relevância, que auxiliam a compreender elementos próprios à etnia kaiowá e as formas de abordagens metodológicas, principalmente em relação às especificidades de pesquisar com crianças, assim tais produções possibilitam a

realização de uma pesquisa com e sobre crianças, contribuem para compreender as infâncias kaiowá segundo as crianças e seus familiares.

Conforme os teóricos abordados, as observações, entrevistas, fotografias e conversas; será possível identificar inicialmente que a marca da infância é o brincar.

As crianças nestas famílias kaiowá possuem autonomia no sentido de brincarem, cuidarem uma das outras, experimentarem os espaços como: a casa de reza, os açudes, as árvores, as casas uma das outras, entre outras situações que permitem perceber que os meninos e meninas dominem os códigos sociais estabelecidos nesses espaços de convivência, sejam de afinidades ou mesmo conflitos e restrições e produzem assim as sociidades existentes nas relações sociais estabelecidas (STRATHERN, 2006)

NO CAMPO DE PESQUISA COM AS CRIANÇAS

No decorrer da pesquisa fui diversas vezes questionada sobre a minha presença e a razão das atividades desenvolvidas. Surgiu a problemática: Como explicar o motivo de minha presença às crianças? De forma geral, sempre me apresentava e explicava que procurava compreender como vivem as crianças, o que elas fazem e onde vão isso para os adultos. Mas e para as crianças?

No entanto, percebi que tínhamos algo em comum, ambos tínhamos trabalhos a serem realizados e entregues à professores\as, tínhamos pessoas que nos avaliavam, tarefas e prazos a serem cumpridos, assim, passei a utilizar como estratégia a figura de estudante para justificar minha presença entre o grupo.

A pesquisa com crianças possuem algumas particularidades, entre elas, como a diversão quando participam do trabalho, assim procurei criar ao longo do trabalho diferentes estratégias para se relacionar com elas crianças e proporcionar momentos de interação, prazer e de passatempo de forma, que conseguisse cumprir o propósito acadêmico de estar entre elas.

Esta especificidade exigiu constantemente procedimentos metodológicos variados na utilização combinada de conversas, desenhos, passeios, brincadeiras, fotografias que possibilitaram uma interação ou mesmo aceitação, me identificando como uma adulta diferente.

Pires (2007) chama atenção para essa questão dos desafios na pesquisa com as crianças, e como ser uma adulta diferente e conquistar a confiança das crianças: a autora destaca que:

É imprescindível ressaltar que meu intento não era “tornar-me nativa” mas, sim, ser assimilada pelas crianças como uma adulta diferente. Uma adulta que interage com elas, seja brincando, seja conversando, seja discutindo. PIRES (2007, p.232,)

Por isso a utilização de materiais escolares diferenciados a cada vez que estava com elas, por exemplo, os desenhos foram feitos com recursos distintos como: sulfite A4 que é algo muito usado, por isso provável que se cansem desse material, pinturas com tinta a dedo, com cartolinas coloridas, pois aí contamos com dimensões diferentes do papel, que contribuem para atrair as crianças a usarem, colagens com diferentes tipos de papel, com elementos da natureza, os brinquedos eram diferentes a cada dia durante a pesquisa, antes dos momentos que o assunto eram as brincadeiras e brinquedos, para poder ver os brinquedos que as crianças possuíam e as brincadeiras que gostam.

Realizei brincadeiras e jogos com as crianças com a finalidade de construir proximidades e estabelecer um diálogo com elas, se esperasse contar apenas com a fala, seria muito difícil extrair informações com elas, pelo menos não nos primeiros momentos.

As crianças kaiowá dessas famílias, dominam a língua materna: o Guarani e a língua portuguesa. Talvez esteja aí um elemento que contribua quanto as dificuldades de comunicação na fala. O que nos primeiros momentos junto as crianças, ocasionaram alguns silêncios da parte delas, frente as minhas indagações.

Assim, de uma forma diferente da abordagem tradicional de uma entrevista com o gravador, que em alguns momentos foi possível com elas, pois foi percebido como uma brincadeira como se estivessem sendo entrevistadas no programa de televisão, como brincava com elas nesses momentos de conversas. Mas a utilização de outras ferramentas em campo, para compreensão dos objetivos propostos se fizeram necessárias e eficazes nessa abordagem e aproximação com as crianças de forma que me possibilitassem ouvi-las.

E desta forma, por meio de algumas ações com propósitos de interagir com as meninas e meninos, foi se construindo o campo de pesquisa com as crianças kaiowá, que será apresentado no próximo item.

Cada brincadeira ou atividade continham propósitos específicos como compreender os espaços de circulação, identificar as pessoas, averiguar o que sabem sobre a religiosidade, as brincadeiras, e um pouco a respeito da compreensão das categorias de idade, no interior da parentela, e isso a partir dos adultos, jovens e crianças. Contando com as experiências e lembranças de épocas de crianças dos mais velhos e as crianças no hoje, que passarei a expor a seguir.

Venho utilizando a designação *criança* até o momento, empregando a descrição presente nas produções sobre este momento da vida, relacionados as concepções criadas em torno delas e dos diferentes espaços sociais que elas ocupam como: a cidade, o campo das religiosidades pesquisado por Pires (2007); Escoura (2010) que estuda a percepção das crianças pequenas sobre as relações de gênero na escola; Conh (2000) que retrata as concepções de aprendizado e infância entre a etnia Xikrin; Condonho (2007) sobre as crianças Galibi Maworno referente aos saberes que circulam entre as próprias crianças.

Apesar das contribuições da literatura da área, na pesquisa, será contemplada ,para compreender o que é ser criança e o que é a infância a partir da parentela da Dona Floriza, a importância que elas possuem, os cuidados e as ações destinados a este momento da vida. Desta forma a proposta deste item se constitui em apresentar inicialmente o que é ser criança e as características que as compõem, conforme as crianças, as mães, pais, rezadores e os jovens.

Orientada por questões como: Até quando se é criança? O que caracteriza ser criança para os Kaiowá? Quais são as idades da vida? Existem comportamentos e formas de tratamento próprias às crianças? Quais locais as crianças podem ocupar? Para compreender assim o que é a infância conforme a parentela pesquisada.

Em busca de compreender as especificidades do grupo e tais aspectos referente as crianças foram realizadas observações, entrevistas, conversas informais, brincadeiras dirigidas, atividades direcionadas e desenhos realizados sempre que possível, pelos adultos, jovens e crianças.

Neste sentido, os adultos rememoram as diferenças e semelhanças com o modo de vida das crianças atualmente em relação ao passado. Relatam constantemente elementos que estavam presentes em seu tempo de criança e que hoje foram modificados; com relação aos jovens eles mostram elementos mais recentes, com jovens de 13, 14 e 17 anos, que convivem com seus primos e primas, participando dos jogos ou mesmo no cuidado em alguns momentos.

A partir do casal de rezadores, é possível compreender as variações que ocorreram no decorrer do tempo mediante aos fatores como: as modificações do espaço, o papel da escola, as tecnologias existentes hoje e de acesso a quase todos na aldeia, entre outros elementos. Com os mais velhos, também é possível de perceber as mudanças que incidiram no modo de ser criança kaiowa , o tratamento dado as crianças nos dias de hoje e o esforço para ensinar como ser uma pessoa Kaiowá nos dias atuais.

São diferentes gerações que viveram infâncias diferenciadas e que proporcionam indicativos a partir de suas referências apreendidas .

E por fim, pelas próprias crianças seguindo a proposta semelhante de registro, mas no caso delas se trata de um período da vida que esta sendo vivido: a infância.

Um trabalho, que tem como propósito falar sobre e com as crianças, por isso a presença adultos e outras faixas etárias que convivam com as crianças, já que crianças não vivem num mundo só delas, elas estão inseridas em um meio social e cultural onde aprendem e ressignificam os ensinamentos que as envolvem, e no caso das crianças kaiowá, no interior da parentela, onde são formadas conforme indica os trabalhos sobre parentesco organização social na etnia Kaiowá, de Pereira (1999, 2004) sendo socializadas e vivendo a socialidade nas relações estabelecidas .

A fotografia que abre esse item, se refere a umas primeiras formas que proporcionaram ambiente de falas com as mães e as crianças, de forma, que ao estarem em contatos com as imagens das pessoas que fazem parte do seu circulo de parentesco, gerasse uma maneira de abordar mais descontraída.

Na relação com os adultos, no inicio da pesquisa apenas falava com Dona Floriza e Seu Jorge, ainda que tenha solicitado falar com as mães e pais das crianças. Fui apresentada a elas, mas se mostraram retraídas e distantes no princípio, mas tal postura se justifica pelo estranhamento do meu interesse por querer entender alguns aspectos sobre as crianças e em estabelecer dialogo com elas, que não é algo tão freqüente, tendo em vista que geralmente as pesquisas que já ocorreram no local, buscaram uma interlocução com os mais velhos , por serem eles lideranças e mais aptos a tratarem de determinados assuntos como historia, território, religiosidade, entre outros.

Com o passar do tempo, senti que as pessoas ficaram mais a vontade nos momentos que estava com elas. Diferente, de outros membros da parentela como os

rezadores que já possuem uma postura mais politizada, até por que os mesmos representam o grupo que vive ali, e são as lideranças religiosas e os mais velhos, e o papel social que eles desempenham.

Com as crianças, o acolhimento e interação ocorreram em um tempo mais rápido. Apenas no início da pesquisa de campo, durante umas duas vezes quando chegava até o local de moradia delas, todas estavam dentro de suas casas e só depois de ser recepcionada por Dona Floriza, é que elas vinham se aproximando, junto com as mães, até que ficava sozinha com elas, no campo de futebol ou em frente alguma das casas.

Na sequência das idas a campo, já não era recebida pelos adultos de início, as crianças já estavam nos terreiros brincando e vinham em minha direção conversando e curiosas sobre o que faria naquele dia e as mães se aproximavam depois de um certo tempo. E os demais meninos e meninas que residem nas proximidades a uns 100mt, eram avisados por Dona Floriza e iam se achegando ao grupo de crianças presentes.

No decorrer dos momentos com as famílias, percebi que as crianças que são parentes consanguíneos¹, vem até o local da casa de reza onde a maioria dos netos e netas de Dona Floriza residem. Contudo, o contrário não acontece, as crianças mais próximas do casal de rezadores não vão até a casa das demais.

Fui apenas uma vez à casa das outras crianças que residem fora daquele espaço de moradia do casal de rezadores. Fui acompanhada por Dona Floriza e nenhuma das crianças mais próximas recebeu permissão para nos acompanhar quando sugeri a companhia delas até o outro local, e nem as crianças se mostraram interessadas em ir conosco.

Assim as crianças vinham até o local de moradia dos rezadores, e atividades, brincadeiras, passeios, desenhos, registros fotográficos aconteciam nas imediações da casa da maioria das crianças que moram próximo a casa de reza.

¹ Na organização social entre os Kaiowá os laços de parentesco não são estabelecidos apenas pelo viés sanguíneo; mas também se dá em outros formatos como: afinidade, relações políticas e casamento. PEREIRA (1999) trabalha sobre isso na sua dissertação a respeito do parentesco e organização kaiowá.

A FOTOGRAFIA E AS CRIANÇAS

Confeccionei um álbum cujo tema era: Pessoas e lugares, as fotos foram registros realizados pelas crianças nos primeiros momentos em campo, onde cada menino e menina fotografaram em medias de umas 10 fotos e depois passavam a maquina ao próximo para executar também.

As crianças não possuíam conhecimento para o manuseio da maquina ou mesmo saberes específicos sobre a ato da fotografia, por isso dentro dos meus limites , apenas as orientei a respeito de como lidar com a câmera e alguns direcionamentos sobre enquadramento e luz. E assim, durante algum tempo as crianças registraram poses uma das outras de forma descontraídas , espaços e pessoas que naqueles dia e durante muitas outras idas no local, não tinha conhecimento que estavam por ali naqueles momentos, já que quase ninguém saia para fora de suas casas e , por não ter sido apresentada e estabelecido nenhum contato outrora.

As fotografias, na relação com as crianças proporcionaram momentos de conversas, brincadeiras, observação, momentos que esses que foram construído afinidades com elas.

Na relação de poder que existe entre adultos e crianças, o ato de entregar a maquina, é uma atitude singela da minha parte , com objetivo de demonstrar a esses meninos e meninas que confiava neles e queria aprender com elas sobre coisas que eles fazem como por exemplo os lugares que brincam, as pessoas que fazem parte de sua família e assim a possibilidade de iniciar a captar a forma de ver dessas crianças , por meio do que elas olharam e registraram nas imagens, como demonstra as imagens abaixo,de algumas pessoas que foram fotografadas e que foram colocadas no álbum para as mães e crianças identificarem as categorias de idades.

Para me auxiliar nesse momento, alem do uso do gravador, construi uma tabela que se encontra nos anexos desse trabalho. E que contribuiu para orientação com algumas questões básicas para identificação das pessoas. Como: nome da pessoa, idade, parentesco, local de moradia.

Nesse dia, era uma tarde de quarta feira, e as crianças e mães me levaram a sentar no gramado do campo de futebol. E la nos sentamos, com crianças ao redor fazendo suas tarefas escolares, as menores brincando com alguns brinquedos que levei e as mães olhavam as fotos.

E assim, entreguei o álbum e o questionamento inicial era: o que ele ou ela é? Foram momentos engraçado, pois com sorrisos as mulheres olhavam para mim com tom de chacota, no sentido que tal pergunta era algo desnecessário e obviamente que eu já sabia qual em qual categoria geracional determinada pertencia

As mães buscavam uma confirmação no meu olhar, da categoria de idade que a pessoa fazia parte, pois era algo obvio, aparentemente a imagem de uma criança e estava lá eu, e dizia: “quem é a pessoa na fotografia? e o que ela é?”

Era evidente, por exemplo, que em uma imagem de uma pessoa de dois anos de idade, se tratava de uma criança, mas era necessário saber a partir delas qual era categoria geracional que cada pessoa daquela pertencia.

As faixas etárias que mais causavam dúvidas foram aqueles sujeitos que seriam adolescentes ou jovens, mais isso seguindo nossa percepção não indigna, como estabelecido pelo Estatuto da criança e do adolescente, com criança até os 12 anos, adolescentes de 13 até os 18 e seguinte seriam a faixa etária dos jovens

As categorias de idade que mais apareceram nas falas foram: velhos, crianças grandes, crianças pequenas, bebês, adulto e jovens. Cada nomenclatura dessas refere-se a partir das designações e atividades estabelecidas a cada uma. Não se prendendo em uma idade fixa, no qual todos são encaixados. As pessoas recebem a identificação do grupo de idade ou geração de acordo com os graus de maturidade e os esperados socialmente internos ao grupo étnico.

No decorrer da primeira fase da pesquisa foram realizados registros fotográficos por todas as crianças, e com essas fotos, fiz um álbum para que tanto crianças como adultos, identificassem os integrantes da parentela, bem como a categoria geracional que essas pessoas pertenciam.

Nas fotos acima, as crianças e algumas mães, estão confeccionando seus álbuns de famílias. A partir das fotografias produzidas em campo e as identificações realizadas principalmente pelas mães e crianças, levei as fotos para cada criança construir o álbum com várias fotos que elas mesmo registraram.

As identificações das pessoas e suas idades variavam de pessoa a pessoa, houve fotos que foram indicadas como a pessoa sendo uma criança, devido a suas atitudes como gostar de jogar de bola. Como houve com uma das mães jovens, que disse ser uma jovem na idade, mas que para ela: *“eu sou criança, gosto de brincar, de desenhar, não pude brincar muito quando pequena, então eu sou criança para mim,*

mesmo já tenho filho.” Essa foi uma fala de Aveliana de 16 anos, ao olhar as fotos de seu filho de dois anos e em seguida a sua no álbum.

A partir desse conjunto de fotos para identificação, realizado com as mães individualmente e com as crianças em grupo, uma falava o nome da pessoa, outra a qual grupo de idade ele pertencia, local de moradia, e uma característica relacionada a atividades realizadas como fazer fogo e cozinhar ou estudar e brincar.

A respeito das categorias de idade Cariaga (2012) indica que:

As formas de identificação no pensamento kaiowá sobre as categorias na vida da pessoa aparentam corresponder a ideia de ciclos de vida no sentido que, do nascimento até a morte, são as relações sociais construídas que vão conferir sentido ao desenvolvimento da pessoa. (2012. p.116)

Assim, as atribuições das idades e as características que correspondem a cada uma seria algo construído no convívio em meio as relações intergeracionais. Ainda conforme os apontamentos do autor acima.

O mesmo substantivo mais genérico para se referir às crianças, que na língua guarani falada pelos Kaiowá é identificado como *mitã*, não é uma categoria delimitada as faixas etárias, como se ao término de um período iniciaria outro. Acredito que as categorias kaiowá identificadas não estão atrelada apenas ao desenvolvimento cronológico-biológico, mas que são capacidades desenvolvidas pelas próprias crianças, que ao serem reconhecidas pelo grupo estabelecem diferentes ciclos da vida da pessoa. (CARIAGA,2012. P.116)

Na categorização da nomenclatura crianças (*mitã*) para os Kaiowá, de acordo com Cariaga(2012) algumas denominações como: *kunumi* (bebê) quando a criança é uma recém nascida, ou ainda de colo e necessita de cuidados mais constantes. Com o inicio dos primeiros passos é intitulado de *mitãï* para os meninos e *mitãkunãï* para as meninas. E quando as crianças já são um pouco maior com idade entre 8 anos em diante de *mitãguasu* (criança grande) para os meninos e *mitãkunãguasu* para as meninas.

E partir dessa ultima designação das crianças, as *mitãguasu* as maiores, que Dona Floriza, geralmente leva para os lugares onde é chamada para participar. Segundo a rezadora, essas crianças já podem ser carregadas aos lugares, já “*que nós indígena tem medo de algumas coisas, do carro, da moto, é muito movimento*”, sendo necessário assim alguns cuidados diferenciados com os pequenos.

Ainda que muitas atitudes referentes ao cuidado com as crianças tenham sofrido mudanças. A rezadora coloca que no seu tempo era diferente:

Vou falar a realidade, naquele tempo criança do tamanho do Alisson (11 meses) quando a mãe ia fazer comida a gente prendia ele do lado da gente num pano. Ai ia fazer comida, e não era fogão a gás como é hoje, fazia fogo no chão ai colocava ele do lado da gente. Naquele tempo não tinha alguém para cuidar dele, como agora que tem babá que cuida a criança. Só a mãe, é lembro que dava banho e colocava criança para dormir, e quando elas dormiam, ia fazer as coisas normalmente, se quiser ir na roça vai[...] (FLORIZA, 57 anos)

Cada período nessa fase de criança demandaria alguns cuidados que apenas a figura materna poderia realizar. Hoje segundo Dona Floriza, suas noras não executam as ações para com as crianças como ela cuidou de seus filhos quando pequenos. Nesse dia, duas das mães haviam saído de suas casas e deixaram seus filhos pequenos aos cuidados de uma das crianças maiores de nove anos.

A rezadora explica que quando ela era criança, nos locais em que sua mãe estava ali ela estava e seus irmãos. Era essa forma da educação dos antigos, também não era presente a escola da forma como existe hoje. As famílias passavam mais tempo com seus filhos e os ensinavam como realizar as atividades cotidianas, e conseqüentemente como aprender a ser um Kaiowá e isso ocorria aos poucos a cada dia. E essa forma de proceder como mãe, Dona Floriza vivenciou em suas praticas com suas crianças e estranha o comportamento das mulheres jovens.

Segundo Dona Floriza é muito diferente hoje, já na gravidez os cuidados necessários para com a criança se iniciavam, a preparação para o parto, as atividades diárias de casa, e os procedimentos depois do nascimento, como nome, batismo, e a criação dos filhos. Tudo começava com um sonho da futura mãe que :

Sentia algo diferente. Por exemplo, antes de eu ficar grávida, você mesmo sonha quando dorme, aparece no seu sonho, ai a mãe da gente ou a avó, no sonho, ela traz um periquito e passa para você, ai você pega, no seu sonho você gosta muito , ai sabe por aquele que vai nascer. Ai ele sobre por aqui, no ombro, ele vai andando por seu cabelo e você fala: é meu esse aqui , minha criação, mas não é. Se você vai contar depois de manha, você vai falar para vó. Vó eu sonhei assim, ai vai falar para você: vai ficar grávida. E ai no sonho esta te avisando , que vai fica grávida.

Esse aviso através de um sonho, sobre o nascimento das crianças, é algo recorrente entre os povos Guarani de acordo com Borges (2002), um dos pais recebe a mensagem e passa a saber que uma criança chegará. Na sequência busca saber o nome e a batizam.

Dona Floriza coloca que: “a criança nasce e quando tem uns três meses já pode batizar, e recebe um nome Kaiowá, que ninguém sabe, só pai e mãe, e quando cresce ela sabe também, para não pegar nenhum mal”.

Em conversas com as mães, elas afirmaram que quanto a gravidez, não há procedimentos ou preparos diferenciais, como os citados por Dona Floriza. Engravidam, recebem os cuidados pré-natais e geralmente o parto acontece nos hospitais.

Conforme a rezadora, para saber qual seria o sexo dos bebês, as mães na sua época procurava uma pessoa mais velha para identificar o que seria a criança:

Ai as mães não sabem o que vai ser o nenê, se é um guri ou uma menina, aí a avó é que vê, ela faz simpatia para ver. Igual hoje, médico vê com o aparelho para saber o que o neném vai ser. No nosso tempo, no passado a avó é que fazia um coração com uma semente, se abrisse aquele coraçãozinho pode saber que era menina, se ficasse bem fechadinho, era menino. Mas hoje as mulheres não estão procurando tanto, como antes.

Atualmente as mães já não buscam a identificação dos sexos dos filhos/as utilizando recursos como citado por Dona Floriza, quando desejam saber o que vai ser o neném delas, procuram o médico para fazer o pré natal. E em outras situações, poucas vezes, algumas buscam orientação primeiro com a rezadora e depois vão ao médico.

Outra atividade realizada com as crianças para identificação das categorias de idades e as atividades específicas a cada uma, foi a identificação dos objetos e quem os usa.

Objetos e brinquedos nas imagens abaixo, com a seguinte indagação: Quem usa isso?

Eu os levei, e os coloquei sobre um tecido para que as crianças se assentassem ao redor, e uma a uma eram indagadas com a pergunta base: quem usa isso? E foi a partir das indicações das crianças, que separei os itens abaixo. Com o propósito de ser um desencadeador de conversas na relação com as crianças.

Com as crianças kaiowá, se me prendesse a expectativa de realizar uma entrevista ainda que aberta ou uma conversa mais direta, não seria muito produtivo.

Com o passar do tempo, os meninos e meninas passaram a falar oralmente, mas não numa situação de conversa direta, pelo menos não inicialmente.

Entretanto durante brincadeiras com elementos como pescaria, sair a coleta de elementos da natureza como folhas e sementes, se mostraram frutíferos na relação com as crianças e nas conversas que surgiam nesses momentos. Que serão descritos no ultimo capítulo da dissertação, que tratara sobre os lugares frequentados e as brincadeiras.

Brincadeiras e brinquedos foram componentes importantes no trabalho com as crianças, pois contribuíram para diminuir a imagem que foi se construindo a meu respeito: de uma professora. Uma designação que era necessária ser diluída, pois a figura da professora não é algo positivo naqueles momentos com as crianças, poderia se constituir em mais um personagem de autoridade na vida das crianças. Uma associação que eu não considerava adequada com o tempo dissolveu, tal imagem.

Acredito que ainda que tenha sido reconhecida como a que veio brincar, na sequencia como a professora e passei a ser apenas a jovem estudante que vinha brincar com as crianças, como alguns da parentela me falaram em conversas. Assim, não tão levada a serio pelos adultos e com uma situação mais confortável com as crianças, no aspecto da categoria de idade, afinal nem adulta era. Algo que se constitui como um elemento vantajoso nos momentos com as crianças.

Utilizei recursos como fotografia e situações como fabricar álbuns, identificação objetos, brincadeiras, passeios pelos lugares que as crianças circulam no espaço de moradia, com a finalidade de construir proximidade e compreensão de como as crianças e seus demais familiares compreendiam as categorias de idade e como viver essa fase da vida: a infância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pessoa kaiowá é constituída socialmente no convívio da parentela. As relações são estabelecidas, e os códigos culturais vão sendo apreendidos pelos integrantes.

Realizar uma pesquisa com e sobre as crianças não é algo fácil, entretanto é possível. A muito a aprender sobre e com as crianças indígenas e nesse sentido a etnografia enquanto método, se fez fundamental no andamento desse pesquisa e possibilitou a combinação de

outros instrumentos de coletas de dados com a : fotografia, desenhos, entrevista, entre outros, que se fizeram frutíferos na caminhada.

Daí a necessidade de alguns procedimentos que serão Neste sentido serão abordado detalhadamente na escrita da dissertação. aspectos relacionados as crianças e infâncias Kaiowá que foi apenas iniciado. E discutido os elementos que compõe o viver dessas crianças, tais como: os núcleos de socialidade das crianças, os lugares frequentados, as atividades realizadas e os significados atribuídos pelas crianças, as atividades específicas de meninos e meninas Kaiowá no espaço de convivência da parentela: as infâncias vividas e as peculiaridades das infâncias conforme as crianças e os demais familiares.

REFERENCIAS .

BAGNANI, Patrícia. **As crianças como interlocutoras das pesquisas antropológicas**. In: II Seminário de grupos de pesquisa sobre crianças e infâncias. Rio de Janeiro, 2010.

BENITES, Tônico. **A escola na ótica dos Ava Kaiowá: Impactos e interpretações Indígenas**. Rio de Janeiro: UFRJ/MN/PPGAS, 2009.

BORGES, Paulo Humberto Porto. **Sonhos e nomes: as crianças Guarani**. Cad. CEDES [online]. 2002, vol.22, n.56, pp. 53-62. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v22n56/10864.pdf>. acesso em 22.out.2012

CALAF, Priscila P. **Criança faz criança: (des)construindo sexualidade e infância com meninos e meninas de rua**. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília (UnB), 2008.

CARIAGA, Diogenes Egidio. **As transformações no modo de ser criança entre os Kaiowá em Te'ýikue (1950-2010)**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), 2012

CARDOSO De Oliveira, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. 2ª ed. Brasília, Paralelo 15; São Paulo, Editora UNESP, 2006.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. **“O desenho das crianças e o antropólogo: reflexões a partir das crianças Mebengokre-xikrin”**. Reunion de antropologia Del Mercosur, Montevideu, Uruguay.16-18 de noviembre.2005.

COHN, . Clarice. **Concepções de infância e infâncias : Um estado da arte da antropologia da criança no Brasil** . *Civitas* Porto Alegre v. 13 n. 2 p. 221-244 maio-ago. 2013.

CONDONHO, Guedes Camila. **Entre brincadeiras e hostilidades: percepção, construção e vivência da regra de organização social entre as crianças indígenas Galibi-Marwono**. Revista eletrônica - Tellus, ano9, n.17, p.137-161, jul/dez.2009. Campo Grande. MS.

_____. **Aprendendo entre pares: a transmissão horizontal de saberes entre as crianças indígenas Galibi-Marwono**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

ESCOURA. Micheli. **Girando entre princesas: Performance e contornos de gênero em uma etnografia com crianças**. Dissertação de mestrado, Universidade São de Paulo (USP), 2012.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1989.

MURABAC Sobrinho, SANCHES Roberto. **Vozes infantis indígenas: As culturas escolares como elementos de (des) encontros com as culturas das crianças Sataré-Maué**. Manaus: Editora Valer, Fapea. 2011.

NASCIMENTO, Adir Casaro do; Urquiza, Antonio Hilário Aguilera e Vieira, Carlos Magno Naglis (orgs.) A cosmovisão e as representações das crianças Kaiowá e Guarani: o antes e o depois da escolarização. **Criança indígena: Diversidade cultural, educação e representações sociais**. Brasília: Liber Livro, 2011.

NASCIMENTO. Silvana de Jesus. **Crianças indígenas kaiowá abrigadas em situação de reinserção familiar: uma análise em torno da rede de proteção à criança e ao adolescente**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), 2013.

NOAL, Mirian Lange. **As crianças Guarani/Kaiowá: o mitã reko na aldeia Pirakuá/MS**. Tese de doutorado, universidade estadual de campinas, faculdade de Educação, campina, 2006.

PEIRANO, Mariza. **A Favor da Etnografia**. Rio de Janeiro: Relumé Dumará, 1995.

PEREIRA, Levi Marques. **Parentesco e Organização Social Kaiowá**. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas. 1999.

_____. **A socialização da criança Kaiowá e Guarani: Formas de sociabilidade internas às comunidades e transformações históricas recentes no ambiente de vida**. In. Nascimento, Adir Casaro (org.). **Criança indígena: Diversidade cultural, educação e representações sociais**. Brasília: Liber Livro, 2011.

_____. **Imagens do Sistema Social e seu Entorno**. São Paulo, 2004. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade de São Paulo, 2004.

PIRES, Flavia. **Ser adulta e Pesquisar crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica**. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, V. 50, Nº 1, 2007.

ROSSATO, Veronice Lovato. **Os “resultados da escolarização entre os Kaiowa e Guarani em Mato Grosso do Sul –” Será o letrão um dos nossos?”**“. Dissertação apresentada no

programa de pós- graduação em educação, Universidade católica dom Bosco. Campo Grande, 2002.

SCHADEN, Egon. **Aspectos fundamentais da cultura Guarani**. São Paulo: E.P.U. - EDUSP, 1974.

SOUZA, Vania Pereira da Silva. **Crianças indígenas Kaiowá e Guarani: um estudo sobre as representações sociais da deficiência e o acesso às políticas de saúde e educação em aldeias da região da grande Dourados**. Dissertação de Mestrado em Educação pela Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados\MS, 2011.

TASSINARI, Antonella. **Concepções indígenas de infância no Brasil**. Tellus. Núcleo de Estudos e Pesquisas das populações Indígenas – NEPI, Campo Grande UCDB, ano 7, n. 13, pp. 11-25, 2007.

_____ **Múltiplas Infâncias: o que a criança indígena pode ensinar para quem já foi a escola – ou a sociedade contra a escola**. 33º Encontro Anual da Anpocs. Caxambu, 2009. www.anpocs.org/portal.

MACHADO, JOAO E PEREIRA. Levi marques. **Nomes de parentela, objetos e territórios sagrados: uma abordagem dos processos de reprodução social**. Anais: 28ª reunião brasileira de Antropologia. 2012 site:
http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_28_RBA/index.html

PIRES, Flávia Ser adulta e pesquisar crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica [1](#) Rev. Antropol. vol.50 no. 1 São Paulo Jan./June 2007.
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77012007000100006&script=sci_arttext

PIRES, Flávia. **O QUE AS CRIANÇAS PODEM FAZER PELA ANTROPOLOGIA?** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p. 137-157, jul./dez. 2010.

_____ **Quem tem medo de mal-assombro? Religião e Infância no semi-árido nordestino**/Tese de Dourado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.